

# V SIMPÓSIO INTERNACIONAL

***Encontros etnográficos con crianças, adolescentes e jovens em contextos educativos***

***e***

**II SIMPÓSIO INTERNACIONAL**

***de Investigaçõesqualitativas con participacipação de crianças, adolescentes e jovens***

**Facultad de Humanidades Universidad Nacional del Nordeste (UNNE)**

**Chaco / Corrientes – Argentina 24, 25 y 26 de octubre de 2018**

**- FEMINISMO E EMPODERAMENTO -**

**A ETNOGRAFIA DO COLETIVO “A ESCRITA INSUBMISSA DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL”**

**Francisca Márcia Costa de Souza[[1]](#footnote-1)**

**Isabel Cardoso Paz[[2]](#footnote-2)**

Por longo tempo o mito da *democracia racial* no Brasil justificou o lugar subalterno a que foi confinada a população negra de passado escravista. Neste contexto marcado pela desigualdade e exclusão, os casos de racismo e violência têm se multiplicado nos últimos tempos.De acordo com o estudo recente, a população negra, jovem e de baixa escolaridade continua totalizando a maior parte das vítimas de homicídios no país. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Em 2017, 56 mil pessoas foram assassinadas, sendo que 30 mil eram jovens e, entre eles, 77% negros. Esse resultado assustador é resultado de uma política de criminalização da pobreza e da indiferença histórica em relação aos jovens negros, pobres e de periferia. Além disso, o racismo introjetado nos profissionais de segurança pública explica o alto índice de mortandade da população negra, via de regra, esse genocídio silenciado fica impune. A razão disso finca raízes profundas na ausência de enfrentamento permanente de nosso passado colonial e escravista, que, nos dias de hoje, assume proporções preocupantes, especialmente, quando nos debruçamos sobre os casos de ódio, imbecilidade, golpe, violência, discriminação, preconceito à cultura, à história e à religião afro-brasileira, portanto, partimos do pressuposto que racismo no Brasil é histórico e estrutural. Nesse sentido, não é coincidência o lugar que os afro-descendentes ocupam no Brasil, como é sabido, eles são invisíveis e silenciados. A juventude negra e pobre morre diariamente nos confrontos nas comunidades tomadas pelos traficantes de drogas e abandonadas pelo Estado. As mulheres negras sofrem com abortos não assistidos, violência doméstica e engrossam os números lamentáveis de feminicídio no Brasil. Diante deste cenário crítico, desenvolvemos o projeto de pesquisa, no âmbito do edital IFMA|PIVIC, intitulado *“Empoderamento feminino: a escrita de mulheres negra no Brasil”*, objetivando entrelaçar a história e as artes visuais, a partir das obras literárias produzidas por mulheres-escritoras negras do Brasil, com a pretensão de trabalhar o feminismo enquanto metodologia de empoderamento das alunas-pesquisadoras e enfrentamento da desigualdade que atravessa as mulheres, especialmente, as negras, através da experiência de leitura-escrita individual e coletiva, produção de fanzines (fã + magazine ou zine), revista artesanal-sustentável, publicação não-profissional e de pouca tiragem, a partir da escrita etnográfica das obras e da biografia das autoras, que são disponibilizados aos acadêmicos do campus e divulgados pela Rádio Cultura da comunidade.As escritoras-obras que selecionamos são: *Maria Firmina dos Reis* (Romance “Úrsula”, 1859), *Maria Carolina de Jesus* (Romance autobiográfico “Quarto de despejo”, 1960), *Ana Maria Gonçalves* (Romance “Um Defeito de Cor”, 2007),*Conceição Evaristo*(Contos “Insubmissas lágrimas de mulheres”, 2011)e *Jarid Arraes* (Cordel “As heroínas negras”, 2017). Para tanto, levamos em consideração a trajetória pessoal e pública dessas escritoras, bem como evidenciamos as personagens, o tempo, o espaço e o contexto histórico das obras produzidas. O intuito foi trazer à luz os debates acerca da experiência de escrita dessas mulheres negras, problematizar a relação raça, classe e racismos no Brasil. No desdobramento desta pesquisa, organizamos o Coletivo *“A escrita insubmissa de Mulheres Negras”,* com a perspectiva de etnografar (descrever política e poeticamente) as práticas e as representações construídas pelas jovens pesquisadoras sobre suas experiências com as autoras-obras problematizadas. Neste aspecto, dialogamos com um grupo formado por cinco meninas convidadas pela aluna-pesquisadora deste projeto. O coletivo é um espaço *ao res do chão (não institucionalizado, comunitário, popular, insurgente, na terceira margem). Neste encontro etnográfico,* organizamos politicamente as jovens pesquisadoras em torno da literatura como escrivivência, resistência e empoderamento. Ainda, criado como espaço de discussão sobre o papel da literatura e das mulheres negras na educação, identidade e subjetividade de meninas, tenho em vista dinâmicas políticas, históricas e artísticas que propõem transformações no cotidiano, na vida e na comunidade. Ampliando o espaço de diálogo entre processos e percursos diversos de aprender e produzir conhecimento com o protagonismo de jovens pesquisadoras.

|  |
| --- |
|  |
| **Palavras-chave:**    Coletivo político. Escritoras negras. Maranhão|Brasil. |

1. Autora é Mestre em História do Brasil – UFPI (Universidade Federal do Piauí), Membro do Grupo de Pesquisa CLIO & MNEMÓSINE - Centro de Estudos Pesquisas em História Oral e Memória (IFMA), Membro do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão IFMA|NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), Chefe do IFMA|DPPGI (Departamento de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação) e Docente de História – IFMA, Campus Buriticupu – Maranhão – Brasil. E – mail: [francisca.souza@ifma.edu.br](mailto:francisca.souza@ifma.edu.br). [↑](#footnote-ref-1)
2. Co-autora é Estudante-pesquisadora, Ensino Médio Integrado ao Curso técnico Análises Químicas – IFMA (Instituto Federal do Maranhão), Membro do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão IFMA|NEABI(Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas), Bolsista de Incentivo Artístico-cultural IFMA-PROEN (Pro-reitoria de ensino), Pesquisadora voluntária IFMA| PIVIC (Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica), Campus Buriticupu – Maranhão – Brasil. [↑](#footnote-ref-2)